

MONTEIRO LOBATO E OS MODERNISTAS: A “VANGUARDA ESTÉTICA” E A “VANGUARDA POLÍTICA” NO MODERNISMO BRASILEIRO

Dilma Castelo Branco Diniz
Universidade Federal de Minas Gerais

Na História da Literatura Brasileira, a figura de Monteiro Lobato ficou à margem do movimento modernista, que surgiu em São Paulo com a célebre Semana de Arte Moderna, em 1922. Porque não se juntou ao grupo dos chamados modernistas, nem tampouco se filiou ao academismo, manteve-se independente, em posição isolada, criando dificuldade aos críticos que enfrentaram a tarefa de classificá-lo.

Como muito bem observou Lúcia Miguel Pereira:

Tudo o que preparava para participar da reviravolta intelectual: a sua atividade de editor, em busca de nomes a revelar, o êxito de Urupês, cujo regionalismo encontraria ecos no movimento renovador, o seu feitio de espírito, irreverente e curioso, o seu interesse pelos problemas brasileiros, e, o que é mais importante, suas preferências literárias.¹

Entretanto, quando se iniciou o movimento de liberação pela qual tanto ansiava, não o reconheceu. Talvez isso se devesse, em parte, às idéias importadas, como o “futurismo” trazido por Oswald de Andrade, com as influências francesas que tanto o aborreciam. É que, na verdade, Lobato estava muito envolvido nessa época com seu trabalho editorial e não quis participar do movimento.

¹ PEREIRA, fev. 1955.

Acredito que os conceitos de “vanguarda política” e “vanguarda estética”, segundo a concepção de Antoine Compagnon, e também um texto de Mário de Andrade, datado de 1918 e praticamente desconhecido dos estudiosos do nosso modernismo, podem aclarar as posições assumidas por Monteiro Lobato e pelos modernistas, por volta da Semana de Arte Moderna.

Num estudo sobre os paradoxos da modernidade, Antoine Compagnon² afirma que “vanguarda” e “modernidade” são freqüentemente confundidas, embora existam, entre elas, diferenças fundamentais. E salienta que a vanguarda não é só uma modernidade mais radical e dogmática: se a modernidade se identifica a uma paixão pelo presente, a vanguarda supõe uma consciência histórica do futuro e a vontade de estar à frente de seu tempo.

O autor sublinha que a “arte de vanguarda” foi primeiro a “arte ao serviço do progresso social”, tornando-se, depois, a “arte esteticamente avançada no seu tempo”.³ Dessa forma, segundo Compagnon, deve-se distinguir duas vanguardas: uma política e outra estética, ou mais exatamente,

a dos artistas ao serviço da revolução política, no sentido dos partidários de Saint-Simon ou de Fourier, e a dos artistas satisfeitos com um projeto de revolução estética. Dessas duas vanguardas, uma quer em suma utilizar a arte para mudar o mundo, e a outra, quer mudar a arte, estimando que o mundo seguirá.⁴

² COMPAGNON, 1990, p.48.

³ COMPAGNON, 1990, p.50.

⁴ COMPAGNON, 1990, p..52-53. O Conde de Saint-Simon (1760-1825) e Charles Fourier (1772-1837) são considerados “socialistas utopistas”. No caso de Lobato, creio que o melhor exemplo seria o de Auguste Comte que, em sua obra, *Cours de philosophie positive* (1830-1842), “não crê na possibilidade de transformar a sociedade, sem transformar, primeiramente, as mentalidades”. Cf. *Littérature XIX^e siècle*. p. 313.

Essa observação, feita por Antoine Compagnon, da existência de duas vanguardas – a “vanguarda política” e a “vanguarda estética” – torna-se muito útil para esclarecer a posição de Monteiro Lobato em relação aos modernistas, pouco antes da Semana de Arte Moderna. Tomarei, como exemplo concreto, a comparação entre dois poemas homônimos de Mário de Andrade: o “Anhangabahú”, publicado na revista *A Cigarra*, nº 95, de 12 de julho de 1918 e o “Anhangabaú”, de *Paulicéia Desvairada*.

O primeiro texto, “Anhangabahú”, praticamente desconhecido, como já afirmei, vem assinado por Mário de Moraes Andrade e obteve menção honrosa no Concurso Literário de *A Cigarra*, em 1918. Essa revista, uma das mais importantes em circulação no estado de São Paulo, na época,⁵ pedia a composição de um soneto sobre o tradicional rio Anhangabaú, tão ligado à história da cidade de São Paulo e que acabara de ser canalizado, dando lugar ao parque do Anhangabaú.

Obteve o primeiro prêmio, nesse concurso, o poeta Ruy Ribeiro Couto e o júri distinguiu com menção honrosa vários outros concorrentes. Participaram do concurso 52 poetas e o seu tema resultava do nacionalismo então vigente, ligado, nesse caso, ao progresso da cidade de São Paulo que, pouco a pouco, se modernizava.

Interessante observar como o poema do parnasiano Mário Moraes Andrade, intitulado “Anhangabahú” (que vem a seguir, em fotocópia, com os demais textos premiados) se distancia do futuro poema “Anhangabaú” de *Paulicéia Desvairada*, do já Mário de Andrade, escrita em 1920. Interessante observar ainda como o poema “Anhangabahú”, do Mário Moraes Andrade, se aproxima dos poemas dos demais autores premiados nesse concurso.

⁵ DEL FIORENTINO, 1982, p. 34-37. As reproduções das páginas da revista *A cigarra*, aqui apresentadas, foram tiradas de exemplares da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo (S.P.).

Anhangabahú

Fino, límpido rio, que assististe,
em épocas passadas, nas primeiras
horas do dia, á despedida triste
das heroicas monções e das bandeiras:

meu Anhangabahú das lavadeiras,
nem o teu leito ressequido existe!
Que é de ti, afinal? Onde te esgueiras?
Para que vargens novas te partiste?

Sepultaram te os filhos dos teus filhos:
e ergueram sobre tua sepultura
novos padrões de glórias e de brilhos.

Mas dum exílio não te amarga a idea:
levas, feliz, a tua vida obscura
no proprio coração da Paulicéa!

Don José
MARIO MORAES ANDRADE
(Capital)

Anhangabaú

Parques do Anhangabaú nos fogaréus da aurora...
Oh larguezas dos meus itinerários!...
Estátuas de bronze nu correndo eternamente,
num parado desdém pelas velocidades...

O carvalho votivo escondido nos orgulhos
do bicho de mármore parido no Salon...
Prurido de estesias perfumando em rosais
o esqueleto trêmulo do morcego...
Nada de poesia, nada de alegrias!...

E o contraste boçal do lavrador
que sem amor afia a foice...

Estes meus parques do Anhangabaú ou de Paris;
onde as tuas águas, onde as mágoas dos teus sapos?
“Meu pai foi rei!
– Foi. – Não foi. – Foi – Não foi”

Onde as tuas bananeiras?
Onde o teu rio frio encanecido pelos nevoeiros,
contando histórias aos sacis?...

Meu querido palimpsesto sem valor!
Crônica em mau latim
cobrindo uma écloa que não seja de Virgílio!...⁶

Sem pretender desenvolver aqui uma análise exaustiva de tais versos, gostaria de salientar algumas de suas características, tão contrastantes com os versos do poema parnasiano de Mário Moraes Andrade.

Mediante adoção dos versos livres, esse poema rompe com a métrica convencional do primeiro. O tom retórico se dilui e se substitui pela seqüência de versos reticentes que trazem impressões do poeta diante da paisagem. A crítica ao parnasianismo está presente implicitamente na adoção de novos rumos formais. E na citação dos célebres versos de “Os sapos” de Manuel Bandeira, que acabariam por se afirmar como um dos símbolos da rejeição da tradição parnasiana pelos modernistas. Enquanto o primeiro lembra, no início, a epopéia heróica dos bandeirantes, o segundo traz o cotidiano do poeta, atravessando o parque. Se naquele, o canalizar do rio foi comparado à sepultura, neste, a imagem que surge é a da cópia mal feita ou imperfeita, “crônica em mau latim” e “écloa que não seja de Virgílio”, mas que constituem, em si, um novo modo de representar.

Todas essas diferenças expressam a preocupação de Mário de Andrade com a pesquisa estética e a renovação da poesia. Embora não se trate ainda da “revolução”, como observou Haroldo de Campos, a *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, com tudo o que trazia de novo, “era a reforma, com seu lastro de conciliação e palavrosidade”.⁷ A revolução, para esse autor, viria mais tarde, em 1924, com a poesia “pau-brasil” de Oswald de Andrade.

⁶ ANDRADE, 1966, p. 41-42.

⁷ CAMPOS, 1974, p. 15.

Nessa época, as inquietações de Lobato são bem diversas: preocupa-se não só com os negócios de sua editora como com os problemas sociais. Quer usar sua pena para denunciar as injustiças e tentar mudar a mentalidade atrasada de muitos brasileiros.

Imbuído da idéia de que o verdadeiro brasileiro é o homem do interior, Monteiro Lobato pouco escreve sobre a cidade de São Paulo. No entanto, entre seus poucos escritos sobre a Paulicéia, figura um conto, “O Fisco”,⁸ que tem como sub-título “Conto de Natal”.

Em 27 de junho de 1909, Lobato dizia a Rangel que era “partidário do conto, que é como o soneto na poesia”.⁹ Desperta, portanto, interesse verificar o que Monteiro Lobato escreveu sobre o Anhangabaú, mais ou menos na mesma época, nesse seu conto intitulado “O Fisco”, de 1921, que começa assim:

No princípio era o pântano, com valas de agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabaú, todo ele relvado, com ruas de asfalto, pérgola grata a namoriscos noturnos, a Eva de Brecheret, a estátua dum adolescente nu que corre – e mais coisas. Autos voam pela via central, e cruzam-se pedestres em todas as direções. Lindo parque, civilizadíssimo.¹⁰

Como nos poemas de Mário, Monteiro Lobato evoca a transformação do vale do Anhangabaú que, aqui, serve de cenário para um drama familiar. O conto é dividido em partes. Na primeira, denominada “Prólogo”, o narrador, depois de descrever o parque, conta que certo dia, atravessando-o, viu um “bolo de gente rumo ao qual vinha um polícia apressado”. O narrador pensa num desordeiro, gatuno ou bêbado e fica admirado ao ver uma criança maltrapilha com uma tosca caixa de engraxate. O fiscal pedia ao menino sua licença e a pobre criança não entendia... A segunda parte, “O Braz”, descreve o bairro ligado a São Paulo, que recebeu

⁸ LOBATO, *Obras Completas. vol. III.* p. 53.

⁹ LOBATO, *Obras Completas. vol. XI.* p. 243.

¹⁰ LOBATO. *Obras Completas. vol. III.* p. 53.

a avalanche italiana. A terceira parte, chamada “A vida”, trata das dificuldades da família de Pedrinho, um menino de nove anos, que, ao perceber o problema econômico dos pais, resolve tornar-se engraxate como o tio, para ajudá-los. Constrói ele mesmo uma caixa tosca, com madeira de caixote; consegue com o tio duas escovas usadas e junta alguma graxa de latas velhas do quintal. Dirige-se logo ao parque, mas “os fregueses passavam sem lhe dar atenção”.

Súbito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar com certeza – e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estréia. Encarou o homem a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão.

Mas em vez de lhe espichar o pé, o homem rosou aquela terrível interpelação inicial:

– Então, cachorrinho, que é da licença?¹¹

A quarta e última parte tem por título “Epílogo? Não! Primeiro ato...”, título que tem por objetivo mostrar que o problema não termina aqui. Pelo contrário, começa. Horas depois, o fiscal batia na casa de Pedrinho com o menino pelo braço. A mãe atende a porta e ouve o fiscal que exigia o pagamento da multa. Debate-se, chora, mas o fiscal não arreda o pé. Por fim, ela foi à arca, reuniu o dinheiro juntado para a eventualidade de uma doença e entregou-o ao Fisco.

– É o que há, murmurou com tremura na voz.

O homem pegou o dinheiro e gostosamente o atendeu no bolso, dizendo:

– Sou generoso, perdôo o resto. Adeuzinho amor!

E foi à venda próxima beber dezoito mil réis de cerveja.

.....
Enquanto isso, no fundo do quintal, o pai batia furiosamente no menino.¹²

¹¹ LOBATO. *Obras Completas. vol. III.* p.64.

¹² LOBATO. *Obras Completas. vol. III.* p.65-66.

Nesse conto, Monteiro Lobato trata, pois, do bairro do Brás, dos usos e costumes que o italiano trouxe para São Paulo e das dificuldades que enfrenta em território brasileiro, das boas intenções do “trabalhador” imigrante, antecipando o repertório a ser retomado pelos modernistas, sobretudo por Alcântara Machado, em *Brás, Bexiga e Barra Funda e Laranja da China*.¹³

O drama dessa criança, filho de imigrantes, constitui uma crítica feroz ao sistema social vigente, onde o abuso da autoridade e o desrespeito à pessoa humana são flagrantes. Uma ironia imensa emana, pois, do “lindo parque civilizadíssimo”, que aparece logo no início do conto. Surge, em ridículo contraste com a paisagem da modernidade paulistana, a pobreza que aí subjaz, afigurada no sistema fiscal retrógrado e cruel, que explora os mais fracos economicamente e que exige mudanças imediatas.

Ao tratar do mesmo assunto – a descrição do vale do Anhangabaú – Mário de Andrade procura um novo modo de representar, enquanto Lobato quer passar a seus leitores uma imagem da injustiça social vigente na cidade de São Paulo.

Tanto Mário de Andrade quanto Monteiro Lobato se mostram, portanto, na vanguarda, no sentido que lhe confere Compagnon, enquanto mantêm uma consciência histórica do futuro e a vontade de estar à frente de seu tempo. Mas com uma diferença: se Mário persegue a vanguarda estética, Lobato luta pela vanguarda política. Trata-se, em suma, do problema da função da literatura na sociedade, um foco de tensões que se encontra no interior do círculo literário e que é decorrente de divergências na concepção do que seja a Literatura e seus limites.

¹³ MACHADO, 1982a, 1982b.

Referências Bibliográficas

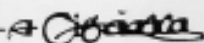
- ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. São Paulo: Martins, 1966.
- CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas. Obras completas*. vol. VII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- COMPAGNON, Antoine. *Les cinq paradoxes de la modernité*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- DEL FIORENTINO, Teresinha A. *Prosa de ficção em São Paulo. Produção e Consumo. 1900-1920*. São Paulo: Hucitec/Secretaria de Cultura, 1982.
- Littérature XIX^e siècle. Collection Henri Mitterrand. Paris: Editions Nathan, 1986. p.313.
- LOBATO, J.B.M. *A Barca de Gleyre I. Obras completas*. vol. XI. p.243.
- LOBATO, J.B.M. Negrinha. *Obras completas*. vol. III. p. 53.
- LOBATO, J.B.M. O Fisco. In: *Negrinha. Obras completas*. vol. III. p.53.
- MACHADO, Antônio Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1928) Edição Fac-similar. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.
- MACHADO, Antônio Alcântara. *Laranja da China* (1927) Edição Fac-similar. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. Lobato e o Modernismo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 24 fev. 1955.

Resumo

Ao fazer uma comparação entre dois poemas homônimos de Mário de Andrade e um conto de Monteiro Lobato, tenta-se aclarar as posições de vanguarda assumidas pelos modernistas e pelo autor de *Urupês*, um pouco antes da Semana de Arte Moderna de 1922.

Résumé

En faisant une comparaison entre deux poèmes homonymes de Mário de Andrade et une nouvelle de Monteiro Lobato, on essaie d'éclairer les positions d'avant-garde prises par les modernistes et par l'auteur d'*Urupês*, peu temps avant la Semaine d'Art Moderne de 1922.



Concurso literario d' "A Cigarra."

"A Cigarra, tem o prazer de apresentar hoje mais tres bons poemas do seu ultimo concurso literario, cujo thema era decantar a "Anhangababú". Esses composições mereceram menção honrosa, juntamente com outras quatro, já publicadas.

ANHANGABABÚ

Que saudades do céu, chorando, — trago-as
Nesta terra que amei, assim sepulta!...
Vítima imbuída deste negro insulto, —
Que mal fiz eu para morrer de magoa?!

Que de lembranças do passado, — trago-as!
Eu, que me vejo desta ilha sozinha,
Que, de Paes Gomes, colibri a volta,
Me lembra a voz de muitas velhas águas!...

Ah! ninguém sabe a tristeza dor secreta
Da saudade cruel que me assombra
Des tempo, quando o bom de padre Audelino.

Sobre Piratininga, pequenina,
Com mão de santa e coração de poeta,
Lançava bengalês, — de alto da colina.

Dafre Gauerios

LUISES DE SOUZA E SILVA

(Copista)

Cerrado mansamente, vir' me, se deserto,
Ella tinha o horizonte apenas por beirão...
Viria ao serião, beirado pela brisa,
O vulto lido sempre ao grande sol aberto.

Ah! que certo vez, a luz da luar lacerto,
Do valle, se cam' fim de noite que agonia,
De repente, elle veio entre a bruma, indelcto,
Uma cidade nova expozido-se bem perto.

Nam' caso hoje, porém, não mais a luz de praia
E sem a luz do sol enxerga... E' quasi um mungu...
E' um prisioneiro ali desta cidade laguita.

Mas, mesmo assim, sem ver esse clarão do astro,
Toda a lenda, talvez, de um tempo que var longe,
Ella canta na treva a canção de raizão.

D'Albert

FRANCISCO GIRALDES FILHO

(Apud)

Jardim

(De um livro didactico, no peri)

Mario! Mario!

Já vou.

Carri' pois a despedir, donde
a Therese me chamao.

— O que é, Therese?

— Prendi um ratão, aqui, adivi
da gradeleira. Vae buscar o Nico.

Já o chamei e elle não apparece.

— Então, espere aki, aqui?

E sahi a procura do meu gato.
Fui ao quarto dos senhores,
mas elle custamente dorme,
Como se não se estivesse
sochando com os ratos?

— Mas não o encontro.

Procurai pela porta, pelo jardim,
pelo pátio, pelo terreiro...

Nada? Tem desaparecido o meu Nico?

Eu voltava já inquirido por aquelle bucho

Flores, impida-me, que assistido,
em épocas passadas, nas primeiras
horas da dia, á despedida triste
das hericas moças e das hericetas:

mas Anhangababú das lavadeiras,
sem e les lido' magoado e triste!
Que é de ti, animal? Onde te esgaritas?
Para que vages sem a paritide?

Sepultaram te os fillos dos teos fillos,
e ergueram sobre tua sepultura
nomes padidos de glórias e de beirões.

mas dos ratos não te amarga a lida:
levas, feliz, a tua vida obscuro
no proprio coração da Paulista!

Uma Ave

MARIO MORAES ANTUNAS

(Copista)

infantilista, quando, no pensar perdido da
cidade do Valente, dei com o pabr

gelo, imóvel esticado, e com os
dedalhões arreganhados!

Trugi-o do chão e descobri-lhe
pelo corpo todo, grandes signaes
de dentes. Era claro! aquillo
foi o serviço do Valente, que,
mesmo por ser bom guarda de
casa, era cachorro mau. Mau
e udivao o pobre Nico.

Naquelle momento dormia ao
sombra tranquillo, "sem remor-
sos..."

Tive impeto de persegui-lo uma
vez. Mas ficou só no impeto,
porque o Valente era saente
mesmo, podia não se conformar
com o castigo e querer tirar
deleira!

Contendi-me, pois, em pegar o
meu pobre morto e levei-o para
mostrar em casa.

A Therese chorou ao ver o
quinto daquillo gesto. Ella estu-
vou-o de olhos. Vivia progredindo con-
tra elle, que o portia ao fogo, que he

JUVENTUDE ALEXANDRE

Eterna mocidade dos Cabellos!!

A JUVENTUDE desenvolve o crescimento dos cabellos dando-lhes vigor e belleza.

Os cabellos brancos ficam pretos com o uso de JUVENTUDE ALEXANDRE.

Remedio efficaz contra a calva.

Preço do frasco 3\$000. Nas boas Perfumarias
Pharmacias e Drogarias



A Cigarra

Concurso Literário d' "A Cigarra,"

Publicamos abaixo alguns dos sonetos que mereceram menção honrosa no último Concurso Literário que "A Cigarra," se dedica a escrever, e ao qual foi conferido um prêmio de 500.000 ao vencedor, conforme se verifica da cédula publicado em nosso número 09:

Ao Anhangabêhú

MAL te avisto, primeiro à noite fria e lustrada,
Que Anhangá cruza como uma melidão.
Quando São Paulo ainda era o invio e cade serfido,
De que encos, regato basilei! e história e a lenda.

Aiso vi-te depois sob a primeira tenda,
Sob a primeira cruz; sob Anchieta e Terão,
Quando, já florentino e o povoado de estio
Em las águas fero o baptismo e a legenda...

Hoje és morto e esquecido... E entanto foi em ti
Que uma raça de heróis via seu verde penacho
Harir, de Santa Anaço ao Tamandakety...

E te esculpeis de pedra! E a Cidade não viu
Que tu lhe foste em dia o herói, o pólvora riacho!
A cujo rythmo, out'ora, a sua alma sorria!

S. Paulo, ALDO-BRANDO.



O Anhangabêhú

TESTEMUNHA da origem da cidade
Por Peão, Anchieta e Nobrega indicado,
Do lendário ribeiro o triste lódo
Com afleido tom cantar quem ha-de?

Escudar heroico do passado,
A chronica integral daquela idade
Recorda, na plangencia do soulsoi,
O rischo da coral inconsolada.

Arcovervên'o, a qua, de malazajo;
Não era: pois não fero seu desejo
Ser o lustral Jordão da gente sua?

Pequetina e orgulhosa, Não perdois
Aos filhos de cidade de garos,
O segarem-lhe o ceto o sol, a lua...

Otario de Costa Silveira (S. Paulo)

JOÃO PAULISTA.



O Anhangabêhú

OÇO no teu morralho o ruído de outros dias
E uma vida adormida na solidão esbameo.
Um beiro escurece, a copa ao luar, horas sonolitas,
Casuarinas ao longe alongadas em bruxas.

Rio rouco, rolando em turbilhões de espumas,
O rumor do teu chéio é o eco do que serias:
A bohemio, uma sorrello, um galanteio, algumas...
A geração em flor estufada em phantasias.

Secreto coração? Sarrificado embora,
Viverás remolando o sacho de uma raça,
Luz de toda a noite e sol de todo auroa!

Porque lèthos não sendo, ó gloria nunca esculpta!
Não sarrerria da sombra a paulistana grejo,
Deo ameros de mil oitocentos e trinta.

Santos, 917

Felto Westroyes

AVATAR

Anhangabêhú

NÓ d'leiro, líquido espelho, out'ora, reflectas
Flúrea fomes na afflata, entre cuvas emarcadas.
E hoje, augusto, o corpi, de águas emarcadas,
A alta magestade heroica do outros dias.

Vive, nessas emorgas, entre as lasz onadas,
Na algides sepulcro das lasz cizas frias,
A alegro loço do tempo em que vivias
Colleado o bosque ambrato, effre marreio e estades...

Na penitenciação de iratos antigos,
Como em perpeño dar, como em perpeño insado,
Hoje, as beijos do Sol, marreio, mendigos.

Marmatado, opprimido, uma pedação de História,
E as legendas do tempo em que vivias sepado,
Glarioso na basulidade e basulio no gl'ria!

1917 MARCIO COUTO.
Hata Curitiba (Capital)



O Arreio Canallado

(A propósito do Anhangabêhú)

D'ANTES desca, sob o meigo opaco
Do margem plana ao do lagrime barracão,
Sorrido à varzea em flor, que, flanco a flanco,
Se estada em pálio, macella o joto.

Volle eliois, e colles, tépido ou franco,
Espelhao, em seu curso, o clero atroto
Toda a umbella do rio amplo e azalro
No alveo larrado de cascalla lrrato.

Hoje, preso garçim, nome garçonia,
Nos subterraneos fressas em que mero,
O erroo - mas clamo, late o luto;

E se, qual d'antes, poverento caido,
Canta ao segredo, pois ringem, agoro,
Do carcere em que caido o voz lhe incido.

Heito Blazano (Capital)

TIMÃO DE ATHENAS



O Anhangabêhú

NÃO supozes o lardo andar e reajo
Das pargos das suasz bandicreas,
Mas arreio de águas solçoentes,
O barro das paredes do Collegio.

De Anchieta reflecta o salto egregio,
Lendarias gerações febricitantes,
Hoje, o venho de outros habitantes,
No putreo cotojo dos canaes, protejo-o

Não mais o tua paulista elle reflecte,
Guarda-a a Culdo: dentro dos estranhas,
Que, assim, ao tempo, heroicamente, o ringe.

E, a quem lhe escute a voz, inda repete
As batallas, as glorias, as feçenas,
Dos basuliceros de Piratinajo.

BRUTUS.